

as condições de hoje a colocam finamente no centro de debate de ideias sobre o presente e o futuro das nossas sociedades.

### **Maria Alice Samara (IHC – NOVA FCSH)**

#### ***Metamorfozes do espaço: de prisão a museu***

Em 2017, o Conselho de Ministros determinou, pela Resolução 73/2017, a criação de um “museu nacional na Fortaleza de Peniche, enquanto espaço-memória e símbolo maior da luta pela democracia e pela liberdade”. Partindo do caso da transformação da antiga prisão em Museu Nacional da Resistência e Liberdade, esta comunicação discutirá a importância do espaço na preservação e reconstrução da memória.

### **Maria da Luz Sampaio (IHC – NOVA FCSH)**

#### ***Caminhos da salvaguarda e difusão das coleções técnico-industriais***

Todos os acervos representam uma memória coletiva, composta de conhecimentos e capacidades artísticas e técnicas, mas estão ao serviço das políticas nacionais e das visões de como deve ser construído o conhecimento científico (Köptcke, 2004) (D. Poulot, 2004). As coleções dos museus dedicados ao património técnico e industrial são o produto de doações, escavações e levantamentos arqueológicos e, também de objetos ou acervos pessoais oferecidos pela população. Mais recentemente tem sido promovidos programas de salvaguarda do património científico e tecnológico, fomentando novos processos e práticas na constituição de coleções (Cuenca 2017). Enquadrado pelo debate em torno das novas definições de museu que pretendem refletir os desafios e as suas múltiplas visões e responsabilidades (ICOM; 2019) mas também pelas noções de património industrial com a Carta de Niznil Tagil de 2003, desejamos interrogámo-nos sobre as políticas (ou a sua ausência) na salvaguarda de objetos técnico-industriais e responder à questão: qual a história do século XX que queremos preservar no século XXI? Esta é uma reflexão sobre os caminhos dos museus no novo milénio tendo em consideração que a cultura material pode ser utilizada para romper com estereótipos e marginalizações sociais, favorecendo diversidade cultural e a inclusão e ainda a difusão do conhecimento científico.

### **Dulce Simões (INET – NOVA FCSH)**

#### ***O património cultural e a construção de imaginários futuros***

No passado os eruditos e etnógrafos autorizados reclamaram a preservação da herança cultural, e as suas narrativas foram legitimadas pelos estados como representações hegemónicas nacionais. Na atualidade as representações culturais preservadas são patrimonializadas e adaptadas ao “mercado das autenticidades”, entraram em circulação e transformaram-se em objetos de culto, como produtos rentáveis das indústrias turísticas e culturais. Nas suas distintas modalidades a “máquina patrimonial” rearticula a esfera social e as suas ontologias, descartando as pessoas socialmente subalternizados pelas economias políticas, que reproduzem as suas práticas em redes de relações a-patrimoniais. O objectivo desta comunicação é debater o campo cultural como um ativo campo de agenciamento social alternativo e contra-hegemónico, através

do reconhecimento dos processos de participação coletiva e dos modelos de socialização das práticas.

**Xurxo M. Ayán Vila (IHC – NOVA FCSH) e Xosé Gago García-Brabo (Câmara Municipal de A Pobra do Brollón)**

***Adegas da Memória: a construção da memória nas comunidades camponesas da Ribeira Sacra.***

Adegas da Memória é um projecto de Arqueologia em comunidade desenvolvido em colaboração com a associação de vizinhos da freguesia de Vilachá e a Câmara Municipal de A Pobra do Brollón (Galiza). Esta iniciativa investiga as origens históricas da paisagem vinícola desta área e os processos vivenciados pela comunidade local ao longo do século XX. Os protagonistas são os próprios vizinhos. Nós projetamos todo um programa de socialização da ciência, com atividades dentro das adegas, nos terraços de cultivo e nos próprios sítios arqueológicos. Nossa proposta de Cultura Científica é refletida na série documental Adegas da Memória, disponível no Vimeo.

**Fabienne Wateau (CNRS)**

***Herança indesejada e memória do meio. Acerca de marcas, matérias e objetos***

Para retomar o eixo dos “usos do passado” segundo um ângulo ligeiramente diferente, esta comunicação será dedicada as marcas, matérias e objetos que ficaram na paisagem, como herança indesejada de uma atividade industrial poluente. Trata-se de pensar em termo de memória das paisagens ou ainda de memória do meio, para refletir sobre aqueles artefactos do presente também inscritos nas histórias de vida das pessoas e no futuro dos seus descendentes. De que informações é portador o meio? Como vestígios e pegadas são pensados, reinterpretados, tratados ou até transformados ao nome da diversidade e da sustentabilidade? Que raízes do futuro sobre um passado contaminado estão a ser imaginadas? Esta reflexão inscreve-se no âmbito de uma pesquisa começada há 3 anos no Observatório Homem Meio Estarreja, em colaboração com a Universidade de Aveiro, e financiada pelo Labex Driihm (CNRS-INE) e pelo Labex les Passés dans le Présent (CNRS- Paris Nanterre).